

# PRELO.

---

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

JANEIRO - ABRIL de 2008

---

7

# PRELO.

Edição e propriedade  
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
AV. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA  
1000-042 LISBOA  
TEL. 21 781 07 00 · FAX 21 781 07 54

Director  
CARLOS LEONE

Concepção gráfica  
BRANCA VILALLONGA  
Revisão  
PAULA LOBO

Publicação quadrimestral  
E-mail: revista.prelo@incm.pt  
Edição: 1015425  
ISSN: 0871-0430  
Depósito legal: 242 853/06  
Tiragem: 800 exemplares  
Preço: 6€

5	Editorial
	<i>ENSAIO</i>
8	ALBERTO DE LACERDA: A MARAVILHA DA VIDA E O HORROR DA VIDA <i>Eugénio Lisboa</i>
19	D. JOÃO DA CÂMARA, VIVO, CEM ANOS APÓS A MORTE <i>Luiz Francisco Rebello</i>
28	GERARDO MELLO MOURÃO: UM BRASILEIRO UNIVERSAL <i>João Bigotte Chorão</i>
36	EDWARD W. SAID: O EXÍLIO CONTRA A DIFERENÇA <i>Carlos Vidal</i>
55	A EDIÇÃO RARA DOS PRELOS JESUÍTICOS DE GOA, DE 1624, [...] (continuação da Prelo n.º 5) <i>Manuel Cadafaz de Matos</i>
79	REESCRITAS DA HISTÓRIA, CARTOGRAFIAS DA NAÇÃO EM A TORRE DA BARBELA, DE RUBEN A. <i>Maria-Benedita Basto</i>
97	O MITO DOS JESUÍTAS A PROPÓSITO DE UM NOVO LIVRO <i>António Vasconcelos de Saldanha</i>
111	UM POEMA DE ALEXANDRE VARGAS
	<i>POESIA</i>
116	DOIS POEMAS ESQUECIMENTOS e CORREIO ESOTÉRICO <i>António Osório</i>

	<i>CRÍTICA</i>
120	AA. VV., A RAZÃO APAIXONADA. HOMENAGEM A FERNANDO GIL <i>Regina Queiroz</i>
123	Hesíodo, TEOGONIA. TRABALHOS E DIAS <i>Maria Leonor Santa Bárbara</i>
126	Menandro, OBRA COMPLETA <i>Maria Leonor Santa Bárbara</i>
128	Jerónimo Pizarro, FERNANDO PESSOA: ENTRE GÊNIO E LOUCURA <i>Pedro Panarra</i>
131	Sampaio Bruno, OS TRÊS FRADES E OUTROS TEXTOS DE FICÇÃO <i>Joaquim Domingues</i>
133	Sottomayor Cardia, RACIONALISMO, CONSCIÊNCIA METODOLÓGICA <i>Carlos Leone</i>
136	Sara Marques Pereira, O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE SAMPAIO BRUNO — A IDEIA DE EDUCAÇÃO PARA A REPÚBLICA <i>Joaquim Domingues</i>
139	Miguel Real, A MORTE DE PORTUGAL Sousa Dias, O QUE É POESIA? <i>Carlos Leone</i>
142	Zita Seabra, FOI ASSIM <i>João Tiago Proença</i>
145	Hannah Arendt, RESPONSABILIDADE E JUÍZO Hannah Arendt, A PROMESSA DA POLÍTICA <i>João Tiago Proença</i>
148	Stefan Zweig, O MUNDO DE ONTEM — RECORDAÇÕES DE UM EUROPEU <i>Pedro Panarra</i>

## EDITORIAL

*O sétimo número da Prelo, nesta sua terceira série, surge ao fim de meses de mais polémicas, infelizmente bem costumeiras, sobre a crítica em Portugal. Um pouco à imagem do que ocorre nas mais diversas áreas da vida pública portuguesa desde há vários anos, também o mundo da crítica, em particular a literária, tem vindo a ser agitado por querelas, tantas vezes pessoais, que se sucedem com a previsibilidade própria da repetição. Ora os autores cujos trabalhos são criticados tomam para si dores que só às obras caberiam, ora os críticos se queixam de censura editorial, algo tanto mais frequente quanto o mercado português conhece actualmente tendência de concentração em grandes grupos dos principais títulos livreiros e jornalísticos. A agravar o espectáculo — e a realidade que o gera —, a exploração mediática de nomes bem conhecidos do público, em especial por títulos que se dizem de referência, é um fenómeno hoje evidente e que, tudo o faz supor, não estará para desaparecer em breve. É, em grande medida, contra tudo isso que a Prelo se faz.*

*Este número assinala, muito oportunamente, o início da concretização de um dos projectos fundamentais desta terceira série da revista, a aposta na crítica literária distinta tanto temática como qualitativamente do que se pratica na generalidade dos títulos portugueses. Empreendimento difícil, dada a exiguidade do País e a escassez de colaboradores competentes e experimentados, necessária à manutenção de uma secção de crítica regular e original, ainda assim se revela possível levá-lo a bom termo: capitalizando os esforços dos dois primeiros anos desta série da Prelo, conseguimos agora reunir um corpo estável de colaboradores muito diversos e juntar-lhe contributos ocasionais de igual valia, o que possibilita o aumento do número de recensões, da sua variedade temática e das perspectivas (mesmo dos estilos) que presidem aos textos. Cremos não ser prematuro afirmar que, a partir de agora, essa será — até cada vez mais — uma marca particular da Prelo no panorama cultural português. E uma das mais necessárias e benéficas.*

*Como é já norma, publicam-se ensaios dedicados a áreas como a exegese religiosa, a análise literária, os estudos culturais, à lusofonia. Também nesta secção temos obtido novas colaborações, pensadas a partir de pontos de vista contrastantes. Como se costuma observar, os pontos de vista expressos vinculam os autores, não a publicação; mas, como sempre, pretendemos que o conjunto seja sugestivo do que há de polífono e dinâmico na vida cultural portuguesa.*

*Nesse sentido, e como já é nossa prática habitual, efemérides e evocações têm destaque que, noutros locais, mais numerosamente frequentados, lhes não é atribuído. E como uma cultura não é apenas uma tradição, mas igualmente uma invenção, é com particular prazer que damos ao público dois poemas inéditos daquele que é hoje, porventura, o mais distinto poeta moral da língua portuguesa, António Osório. Pois não é apenas a crítica a libertar-nos da(s) peste(s).*

*Lisboa, Abril de 2008.*

O DIRECTOR

*ENSAIO*

# ALBERTO DE LACERDA: A MARAVILHA DA VIDA E O HORROR DA VIDA

EUGÉNIO LISBOA

Quando conheci Alberto de Lacerda, em Lourenço Marques, em meados dos anos 40 (do século passado), havia, entre nós, um factor comum: gostávamos ambos de ler e líamos tudo a que podíamos deitar mão. Mas havia também uma diferença: o Alberto lia sobretudo poesia e eu lia sobretudo ficção, teatro e História. Não que a poesia me não atraísse: o *Só* de António Nobre chegara-me, com alarme, às mãos, bem como o *Fel*, de José Duro (que me pus a imitar, naquela espécie de atracção-repulsão que a morte exerce sobre os adolescentes). Mas não tinha poesia facilmente à mão. Os *Poemas de Deus e do Diabo*, difíceis de encontrar no mercado local, ouvi-os, lidos por amigos que se deixavam facilmente fascinar pela eloquência sulfúrica (e bela) do bardo de Portalegre. De Fernando Pessoa, chegaram-me, também de ouvido, as heresias de Caeiro e os histerismos de Campos. E pouco mais. Com o Alberto, era diferente: dois anos mais velho, dispondo de muito mais tempo porque o liceu lhe interessava pouco e era faltão, dotado de um apetite insaciável pela poesia (que desencantava, por compra, por empréstimo ou em casa do pai), pela arte e pela vida, ferido de ambição desmedida e daquele *modicum* de megalomania que aflige tanto adolescente e não é mal por aí além, o Alberto *devorava* poesia, escrevia poesia e falava — já então — admiravelmente de poesia. Era um conversador extraordinário, cheio de caprichos, de paixões, de rejeições, de convicções em itálico bem acentuado, de ironias desmedidas, de achados inesquecíveis... Como poucos, sabia ser afrontoso, com um toque de maldade de uma elegância florentina. Mas não era nunca pedante e tinha um horror sagrado pelos valores «estabelecidos» e pomposos, por títulos, por «importâncias». Lia o



que lia e descobria o que descobria, pisando, por si próprio, terreno ainda novo e inexplorado.

Como todos os adolescentes, tinha conflitos interiores e familiares, histórias que teria pudor de contar fosse a quem fosse (Régio, por essa altura, marcava-o, embora, depois passasse a rejeitá-lo com alguma injustiça virulenta).

Intrigava-me algum tanto verificar que os grandes ficcionistas que, por essa altura, me iam apaixonando (Stendhal, Tolstoi, Dostoievski, Charlotte Brontë) eram postos à distância pelo Alberto, que se «não atrevia» a mergulhar naquela massa romanesca de dimensões, para ele, aterradoras. Tratava-se, pareceu-me, de uma espécie de receio... de quase pânico! Mais tarde, mudaria e viria a ler, com prazer e argúcia, numa aproximação sempre pessoal, grandes obras de ficção.

Havia, já então, no Alberto, algo de saliente que nos impressionava sem que soubéssemos muito bem identificá-lo: um manejo invulgar da língua, um enamoramento com a língua, que desferia com vigor e frescura, num descobrimento singular de tesouros escondidos num glossário aparentemente gasto mas que ele punha a vibrar com timbre escandalosamente renovado.

Em Lourenço Marques, bonita cidade do Índico feita para, com gosto, se morar nela, habitava uma gente singular e culta que nos ia enchendo a alma de um bom veneno propiciador: o sibilino e britânico Rola Pereira, outrora amigo de Pessoa e de Sá-Carneiro, que ensinava matemática sedutora a toda a gente menos ao Alberto e que, nos interstícios dos números em parada, ia mesmerizando os jovens ouvintes com a última palavra em poesia lusíada: Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, António Botto, José Régio...; ou o imprevisível e cultíssimo Domingos Reis Costa, professor de Francês e Português e velho amigo de Hernâni Cidade e Miguéis, que trazia, da sua vastíssima (e lidal) biblioteca, livros que ia disseminando pelas mãos vorazes dos que para eles já iam preparados pelas palavras prefaciadoras, sugestivas e não raro embebidas em tónico veneno, daquele exilado por razões que tinham a ver com amores de perdição (diziam, sussurrando, as más línguas). Naqueles subtrópicos, não se morria exactamente de pasmo — como o poderiam ter dito tantos que por lá deixaram rasto, o Alberto,

o João da Fonseca Amaral, o Rui Knopfli, o Vítor Matos e Sá, o Reinaldo Ferreira, o António Esquível, o Fernando Ferreira, o Cardigos dos Reis, a Maria Luísa Soares, a Glória de Sant'Ana, o Tiago Oliveira, o Cordeiro de Brito, tantos outros.

Cheio de «razões de queixa», o Alberto não foi nunca, contudo, nem um amargo, nem um deprimido. Cantava, nos seus textos, «a maravilha da vida [e] o horror da vida», mas nem a maravilha lhe adocicava a descascada elegância do dizer, nem o horror lhe tirava o apetite de viver; cantava para ajudar «a não esquecer nunca a liberdade», mas nunca consentiu que o seu amor à liberdade lhe desviasse a pena até às fronteiras da demagogia. Quis que os seus versos «tivessem vida própria como os gatos, os tigres, os homens belos com olhos de criança, os lemes e os quadros a óleo, que mudam com a temperatura do mar, a luz do dia e o sol da noite.»

As suas paixões literárias nunca o cegavam e, no momento próprio, era capaz de fazer as mais inesperadas e ousadas reservas, mesmo às vacas sagradas da literatura, nas quais ninguém ousaria tocar nem com uma flor. Para dar só um exemplo, numa crónica enviada para o semanário *A Voz de Moçambique* e publicada no n.º 150 de 11 de Outubro de 1964, intitulada provocadoramente «Nota muito atrevida sobre Baudelaire», começa num tom apologético: «Numa casa alheia, num momento de tédio, tiro da estante Baudelaire, e cai-me como um precipício este verso sublime: ‘Nous avons dit souvent d’impérissables choses.’ O tom é quase o da linguagem falada. Mas não é prosa. É um verso espantoso; para além da magia sónica (que não chegaria) está concentrada uma experiência amorosa ao limite da ambiguidade e até quase da ironia: nenhuma coisa ditas são imperecíveis; no entanto, o amor e a arte exigem — na sua lucidez delirante — ou no seu delírio lúcido — essa dimensão *infinita*.» Para, logo a seguir, abrir fogo com as suas bem municadas baterias: «A minha querela com Baudelaire é que ele faz da poesia — com o seu culto do remorso, a obsessão do pecado, a *mise-en-scène* macabra, as aparições múltiplas do Diabo, do Mal, do Inferno (com traços, muitas vezes, de gravura barata) — uma espécie de confissão católica.» Avesso a tudo quanto oprime — o conceito de pecado, o Diabo dos que nele acreditam, o remorso, o Inferno anun-

ciado —, o Alberto, no mesmo texto em que rejeita o Baudelaire de tudo isto, exalta o outro Baudelaire, o do amor e da arte que «exigem — na sua lucidez delirante — ou no seu delírio lúcido — uma dimensão *infinita*.» É esta dimensão *infinita*, este *excesso*, este *exagero* de afirmação, que dão a quase toda a sua poesia uma força única e um fulgor inigualado. Veja-se, por exemplo, o belo poema «A língua portuguesa»:

*Esta língua que eu amo  
Com seu bárbaro lanho  
Seu mel  
Seu helénico sal  
E azeitona  
Esta limpidez  
Que se nimba  
De surda  
Quanta vez  
Esta maravilha  
Assassinadíssima  
Por quase todos que a falam  
Este requebro  
Esta ânfora  
Cantante  
Esta máscula espada  
Graciosíssima  
Capaz de brandir os caminhos todos  
De todos os ares  
De todas as danças  
Esta voz  
Esta língua  
Soberba  
Capaz de todas as cores  
Todos os riscos  
De expressão  
(E ganha sempre a partida)  
Esta língua portuguesa  
Capaz de tudo  
Como uma mulher realmente  
Apaixonada*

*Esta língua  
É minha Índia constante  
Minha núpcia ininterrupta  
Meu amor para sempre  
Minha libertinagem  
Minha eterna  
Virgindade*

Note-se, neste poema, os característicos excessos de afirmação: «Esta maravilha / *Assassinadíssima*», «Esta máscula espada / *Graciosíssima*», «Esta língua / *Soberba / Capaz de todas as cores*», etc. E note-se também como ele «isola» os superlativos absolutos simples, dando-lhes a categoria de constituírem cada um deles, só por si, um verso único («*Assassinadíssima*», «*Graciosíssima*»).

Uma das características mais atraentes da arte deste grande *fabbro* é a tensão que, nele, vai constantemente existindo entre este excesso «romântico» e o mais rigoroso governo dos constrangimentos que a grande arte clássica recomenda: esta tensão sublima-se, de modo grandioso, na sua coleção de *Sonetos*, editada em Veneza, em 1991 — uma das mais belas colectâneas desta forma poética — o soneto — que entre nós se publicaram: uma forma tão exigente, que Godeau, bispo de Vence, insinuava não ser o soneto coisa deste mundo.

O meu convívio com Alberto de Lacerda viria a reatar-se, de modo algum tanto errático, em Lisboa, entre 1947, ano em que aqui cheguei, vindo de Moçambique, e 1951, ano em que ele partiu para Londres, onde para sempre se fixaria. E retomou-se, em Londres, onde eu próprio vivi, entre 1978 e 1995. Foi aqui que mais e mais frutuosamente (para mim, e espero que também alguma coisa para ele) convivemos.

Em Lisboa, lembra-me sobretudo o Alberto que nos aparecia lá para os lados da Alameda Afonso Henriques e arredores, onde vivíamos eu, o Alberto Parente (que, por essa altura, ainda poetava) e o Nuno Ribeiro, ambos de Moçambique e ambos com apetências culturais muito vincadas. O Alberto vinha feito caixeiro-viajante da *Távola Redonda* e dos livros da Sophia, que nos vendia, com grande empenho e um discurso «de apoio» sabiamente persuasivo. Falava-nos de poesia portuguesa e francesa, de música (eu acabara de descobri-la, com Mozart), de pin-

tura e da vida cultural em Lisboa, sobre a qual exercitava o seu minucioso conhecimento e a sua ácida ironia. E fazia-o com segurança, convicção e discriminação. Ao pé dele — submergido pelas Matemáticas Gerais, pela Química Geral e pela Geometria Descritiva — sentia-me um bárbaro, apanhando migalhas de sabedoria e de outras coisas sublimes que ele ia semeando com alguma displicência e um toque de ironia. Os seus textos de prosa na *Távola*, a sua poesia, também na *Távola*, mostravam-me requintes de leitura, sensibilidade e inteligência crítica que me deslumbravam e quase me ofuscavam. Eu lia outras coisas, fazia outras descobertas: Gide, Proust, Ibsen, Shaw, Bunine, Tchekov, Régio, Shakespeare, Baudelaire, Montaigne, Goethe... Mas invejava a agilidade, a fulgurância, a subtileza, a ironia acerada do Alberto. Depois, um dia, desapareceu. Fora para Londres. Viria a reencontrá-lo, em 1963, em Lourenço Marques, para onde eu regressara, em 1955. Fora ali, em revisita, uma revisita que nada queria ter de saudosista: «Não vim à procura de nada / Nem de saudades que não tenho / Nem da carga do tempo perdido / Nem de conflitos sobrenaturais / Do tempo e do espaço / [...] / Vim para ver / Para ver de novo / Para contemplar sem perguntas / Não vim à procura de nada / Um rio não se interroga / O vento não se arrepende.» Viajou por Moçambique inteiro, fez um extraordinário recital de poesia na Câmara Municipal de Lourenço Marques (lembro-me, com particular emoção, das suas leituras de Camões, Herberto Helder e Manuel da Fonseca) e demorou-se, com êxtase criativo, na sua ilha de Moçambique, onde nascera trinta e cinco anos antes:

*Ó Oriente surgido do mar  
Ó minha ilha de Moçambique  
Perfume solto no oceano  
Como se fosse em pleno ar*

Ou ainda:

*Ilha onde os cães não ladram e onde as crianças  
brincam  
No meio da rua como peregrinos  
Dum mundo mais aberto e cristalino*